

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Felipe Vieira Gimenez

Resumo

Este estudo apresenta alguns resultados da pesquisa: “Era uma vez... Práticas de Letramento com crianças de 18 a 36 meses e suas mães: entre o cuidar e educar na Instituição de Educação Infantil”, sendo uma ação em conjunto com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Leitura, Escrita e Infância/GEPLEI/CNPq. Tivemos como objetivo analisar a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem oral para a formação de leitores/as de um grupo de bebês, em um Centro de Educação Infantil/CEINF do município de Campo Grande – MS. Tivemos como questão de investigação: quais as contribuições que prática da leitura de histórias pode oferecer na formação de leitores/as para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças desde a mais tenra idade? Para responder tal questão embasamo-nos na teoria histórico-cultural de Vigotski e de seus colaboradores.

Palavras-Chave: 1) criança 2) leitor/a 3) linguagem oral

O presente trabalho tem como finalidade apresentar os resultados de estudos da pesquisa intitulado “Era uma vez... Práticas de Letramento com crianças de 18 a 36 meses e suas mães: entre o cuidar e educar na Instituição de Educação Infantil”, entre o período de 2011 – 2012.

Assim, tivemos como objetivo analisar a aprendizagem e o desenvolvimento da Linguagem oral das crianças para formação de leitores/as de um berçário em um Centro de Educação Infantil – CEINF no município de Campo Grande – MS. Para dar seguimento à pesquisa contamos com o apoio da Instituição de incentivo a pesquisa, pais, mães/responsáveis e os profissionais da educação da Instituição.

Nosso trabalho assume relevância científica na tentativa de proporcionar não só para nós pesquisadores/as respostas, mas de pensar nessa criança como sujeito histórico e que participa de uma determinada sociedade. Dessa forma, surgiu uma questão central: Quais as contribuições que prática da leitura de histórias pode oferecer na formação de leitores/as para a aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral das crianças desde a mais tenra idade?

O presente artigo está dividido duas partes. Na primeira parte aprofundamos nos conceitos: linguagem oral, formação do/a leitor/a e o brincar articulando com os pressupostos teóricos de Vigotski, ressaltando as contribuições para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

Na segunda parte tecemos um diálogo possível ressaltando a pesquisa já mencionada, com base em nossas observações e registros fotográficos de imagem e som nos encontros que realizamos na instituição alvo do estudo.

Em suma, temos a certeza que a presente pesquisa apresenta a Educação Infantil, não pensada em etapas e sim como um todo no atendimento das crianças de 0 até 5 anos apresentando essa criança em suas mais variadas formas de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral em sua formação como leitora de livros, bulas de remédios, cartazes, jornais, cartazes entre outros.

A linguagem oral e o brincar na formação de leitores/as: uma articulação lúdica e significativa

Propomos-nos refletir conceitos que atribuímos fundamentais durante a pesquisa do presente estudo. Os conceitos que serão abordados são: linguagem oral, formação do/a leitor/a e o brincar articulando com os pressupostos teóricos de Vigotski. Para nossa fundamentação utilizamos os seguintes teóricos e referenciais: Meyer (2011), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil vol. 3 (1998), Vigotski (1998a, 2005) e Wajskop (1995).

Entende-se que o primeiro contato que a criança estabelece com o outro são mediados pela linguagem, embora haja o desenvolvimento biológico natural do seu aparelho fonador é através da fala de um adulto em suas mais diversas formas de expressão no qual se encontra imerso em sua língua que antes mesmo de chegarem à primeira etapa da educação básica elas já demonstram interesse em compreender os atos dos adultos.

Assim, os estudos demonstram que a criança desde muito cedo apresenta em seu modo de vida disposição para aprendizagem da linguagem, entendemos que a linguagem oral implica na verbalização e na negociação de sentidos, uma linguagem simples que facilita a comunicação.

Dessa forma, um bebê, por exemplo, já distingue, por meio das expressões e da entonação, quando os adultos conversam entre si ou com ele, quando contam ou quando leem uma história. É como se o cérebro do recém-nascido estivesse aberto para aprender qualquer língua ao nascer, no entanto a linguagem é um processo cultural, da imersão da criança no mundo falante, por isso a mesma desenvolve a partir do contato da criança com esse bem cultural.

A criança pode se comunicar e demonstrar sua apropriação da linguagem oral de diversas outras formas como gestos, sinais, a linguagem corporal, musical e as artes, possibilitando dessa forma a ela/e capacidade de apoiar sua linguagem oral por meio da fala do outro. De acordo com o RCNEI vol. 3 (1998, p. 125):

A construção da linguagem oral implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se. Ao falar com os bebês, os adultos, principalmente, tendem a utilizar uma linguagem simples, breve e repetitiva, que facilita o desenvolvimento da linguagem e da comunicação.

Assim, a criança ao chegar à sala de Educação Infantil passa a ter um contato mais abrangente de comunicação e aprendizagem dessa linguagem que tanto os adultos falam, pois estará em contato com outras crianças e professores/as, dessa forma o trabalho deve ser direcionado para a prática da linguagem oral como um dos eixos a serem vivenciado e destacado, como é apresentado no RCNEI vol. 3.

Segundo Vigotski (2005, p. 52). “As raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança são há muito conhecidas. O balbucio e o choro da criança, mesmo suas primeiras palavras, são claramente estágios do desenvolvimento da fala [...]”

Conforme citado acima, a criança não precisa estar em processo de maturação biologicamente, pois as suas primeiras expressões já nos diz que ela quer se comunicar e este aprendizado segundo Vigotski (2005) é o que possibilitará o despertar de processos internos de desenvolvimento que, se não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam.

Ou seja, o ambiente cultural é outro aspecto que levamos em conta na apropriação da linguagem oral, pois, é neste ambiente sociocultural que despertará um novo processo de aprendizado interno para a sua posterior formação de leitor/a.

Assim, nesse contexto cultural propício ao intelecto, que os pensamentos começam ser verbalizados através das suas curiosidades e a consequente ampliação de seu vocabulário e ela conhece apenas algumas palavras que aprendem com os adultos e na hora em que faz perguntas sente a necessidade de aprender os signos vinculados aos objetos como as placas, mapas, desenhos, gestos entre outros.

Entretanto, o que parece ser mais relevante para essa apropriação é o fato de que essas interações sociais possibilitam se comunicar, e também compartilhar um tópico de brincadeira, uma intenção de brincar; é a possibilidade de se fazer revelar, de buscar

compreender, de pensar, de imaginar, de construir algo num plano que não é o do concreto nem do sensível, mas a eles articulado. Segundo a autora Wajskop (1995, p. 3) os espaços de Educação Infantil não têm sido aproveitados de forma que o papel da brincadeira tem se tornado uma prática ausente e que a prática alfabetizadora se faz presente:

Podemos observar, mais recentemente, uma tendência das pré-escolas brasileiras a utilizar materiais didáticos, brinquedos pedagógicos e métodos lúdicos de ensino e alfabetização, cujos fins encontram-se no próprio material, dessa forma descontextualizando seu uso dos processos cognitivos e históricos experimentados pelas crianças. Assim, a maioria das escolas tem didatizando à atividade lúdica das crianças, restringindo-a a exercícios repetidos de discriminação viso motora e auditiva, mediante o uso de brinquedos, desenhos coloridos e mimeografados e músicas ritmadas.

Assim, entendemos o brincar como direito da criança, que gera aprendizado e não deve ser ignorado, pois as crianças crescem, os seus sentidos são desenvolvidos, aprendem a movimentar-se, correr, pular, dançar e desenhar, são atividades que possibilitam o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e psicossocial.

Segundo Vigotski (1998, p. 130) o brinquedo representa uma esfera de atividade em que a utilização dos mesmos cria possibilidades de representação “[...] portanto, o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar.”. Dessa maneira, o brincar é uma linguagem e que pode ser entendida como uma representação de uma realidade, representada através das falas e dos gestos que gradualmente adquirem seu significado e as suas palavras passam a se tornar algo concreto.

Meyer (2011, p. 33) nos diz sobre o brincar como uma das formas de linguagens. “Brincar é uma linguagem, é nossa primeira forma de cultura. A cultura que pertence a todos e que nos faz participar de ideias e objetivos comuns. A criança brinca com a cultura”. Sendo sujeitos que constroem sua história produzindo cultura, a brincadeira também agrega situações de desenvolvimento, pois revela o quanto as crianças precisam de interações, e o brincar e a brincadeira são práticas culturais mais comuns nos Centros de Educação Infantil.

Concluimos que, os conceitos até aqui referidos baseados na teoria histórico-cultural evidenciam algumas contribuições que o trabalho com a linguagem oral e o brincar nos espaços da Educação Infantil tem para a formação de leitor/a, pois, a

apropriação da linguagem oral se inicia antes mesmo das crianças estarem na Educação Infantil e o quanto essas práticas culturais propiciam situações de aprendizagem no desenvolvimento da fala e do seu pensamento nas suas verbalizações.

A criança, a instituição infantil e a vivência com a linguagem oral: entre a fala e o pensamento

Apresentamos aqui a pesquisa, sua história, os sujeitos e os resultados. Para isso, nosso desenho metodológico está orientado pelo primeiro estudo na teoria histórico-cultural de Vigotski e de seus colaboradores.

A presente pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil (CEINF) no município de Campo Grande – MS, que atende aproximadamente 150 crianças com a idade de 04 meses até 4 anos.

A pesquisa aconteceu em uma sala de berçário, com aproximadamente 18 crianças. A proposta da pesquisa foi levada para instituição e aceita imediatamente pela direção e profissionais. A proposta da pesquisa era incentivar mães/pais e/ou responsáveis e profissionais da Educação Infantil a práticas com letramento a partir de leituras de obras clássicas da literatura infantil, bem como outros gêneros textuais, incentivando assim a leitura e o desenvolvimento da linguagem oral com as crianças pequenas. Realizamos encontros no qual os pais/mães e responsáveis eram convidados juntamente com os professores/as e recreadoras.

A metodologia da pesquisa insere-se no método dialético, que possibilita a construção de novos olhares sobre os processos educativos. Sendo assim, escolhemos o materialismo histórico dialético, pois acreditamos que dentro do espaço da Educação Infantil em que as crianças estão inseridas são permeadas por uma historicidade e práxis pedagógica na qual se fundem a história dessa instituição, dessas crianças e conseqüentemente a prática do/a professor/a.

Dessa forma, vamos buscar compreender a realidade e o movimento dos processos individuais e coletivos que foram estabelecidos a partir das relações com as práticas sociais, durante os encontros e desencontros no CEINF no curso dessa história, o que não nos deixa dúvidas que é o movimento de ir e vir, pois temos uma intencionalidade.

Assim, a perspectiva dialética trata-se de explicar e compreender a historicidade dos fatos “[...] não basta olhar para elementos que chamam nossa atenção de modo imediato, mas para que o que realmente nos fará compreender as especificidades do objeto de investigação.” (BARBOSA; MAGALHÃES, 2004, p. 49). Portanto, a escolha pelo método se deu na medida em que consideramos o presente estudo como contribuição para a área da Educação Infantil que ao longo de seu percurso assumiu em diferentes períodos históricos, políticos e sociais, diferentes tendências pedagógicas no cuidar-educar das crianças antes conhecidas como seres imaturos e hoje tidas como atores ativos em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Durante a realização da pesquisa, fizemos a coleta de dados e utilizamos os seguintes instrumentos: observação, registro de fotografia e filmagem (que foram transcritas) e questionário semi-estruturado. As análises foram realizadas por meio de leituras sobre a aprendizagem e desenvolvimento da criança e apropriação da linguagem oral, na perspectiva da teoria Histórico-cultural.

Para a realização da pesquisa, organizamos as seguintes atividades: reuniões semanais na universidade para estudo, planejamento das atividades para os encontros com os bebês, às famílias e as/os profissionais.

Para coleta de dados elaboramos um questionário, destinado às mães e/ou pais responsáveis e professores/as da instituição, com perguntas relacionadas às práticas de leituras com seus filhos/as. Do acervo pessoal do projeto foi colocada à disposição a “bolsa viajante” que continha livros para os pais/mães e/ou responsáveis lerem com seus/suas filhos/as e no final de cada encontro uma família era sorteada e ficava responsável por desenvolver com seu filho (a) a leitura diária das histórias.

Realizamos o recorte de momentos que aconteceram durante os encontros que merecem seu destaque nessa pesquisa, registrado por nossas câmeras.

Para isso recorreremos à questão central da nossa pesquisa para a presente análise: Quais as contribuições que prática da leitura de histórias pode oferecer na formação de leitores/as para a aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral das crianças na Educação Infantil?

Podemos verificar em Oliveira, (1997, p. 27) que diz “Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada”. Dessa forma, as histórias contadas a partir de uma situação de aprendizagem em que a presença da linguagem é partilhada pelas

sensações, registro e comunicação dos acontecimentos foram permeados de mediações dos adultos ou por uma criança mais experiente.

Concordamos com Medel (2011, p. 196):

Conseguir que as crianças assumam atitudes leitoras que o mundo moderno exige é um dos principais objetivos da educação brasileira. Para isso, a presença de livros ao alcance das mãos das crianças e a leitura mediada por um adulto são requisitos indispensáveis.

Tal expressão reforça o que de fato é necessário para um trabalho com as crianças que exige do professor/a uma postura de mediador/a desse processo de aprendizagem, pois disse Oliveira (1997) é na interação em membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada que vai provocar na criança um salto qualitativo para o seu pensamento verbal.

Dessa forma, percebemos que o contato das crianças com o livro em mãos se fez de maneira autônoma no livre manuseio da história contada o que os aproximaram da fala, do/a professor/a e dos pais/ mães responsáveis dando a elas o direto acesso de explorar e conhecer os diferentes significados presentes nas páginas.

De acordo com Mello (2012, p. 84) a necessidade de criar nas crianças esse desejo por aprender histórias e participar delas como ator principal e sujeito de aprendizagem se faz fundamental:

Assim, a formação nas crianças da necessidade de ler e escrever, assim como da necessidade de se expressar, é provocada pela experiência coletiva quando o/a professor/a lê e escreve para turma, quando o grupo vive situações significativas que provoquem o desejo de expressão da experiência vivida por meio de diferentes linguagens e de comunicação dessas experiências aos outros. Vale destacar que as diferentes linguagens – a modelagem, o desenho, a pintura, a dança, a mímica, o faz-de-conta, a fala, etc. – exercidas como linguagem de expressão, e não como cópia e reprodução, contribuem para a formação do desejo de expressão e devem ser igualmente privilegiadas na escola.

Podemos afirmar que conseguiremos atribuir significados as próprias ações das crianças na medida em que elas consigam desenvolver processos psicológicos internos e suas ações serão externalizadas, seja através da fala, das atividades propostas pelo professor/a, das brincadeiras, dos gestos, choro, balbucios e etc.

Assim, falar de processos internos nos chama para a internalização que é um conceito de Vigotski (1998, p. 40) que diz: “Chamamos de internalização a reconstrução interna de uma operação externa. Um bom exemplo desse processo pode ser encontrado

no desenvolvimento do gesto de apontar”. A internalização é o movimento que ocorre a partir do uso de sinais externos que apreendemos do mundo e são incorporadas em nossas ações cotidianas e que vai se transformando conforme as nossas necessidades é o que chamamos de transformações do interpessoal para intrapessoal, um exemplo disso é a cultura, que é um processo pelo qual o sujeito/criança a internaliza não é, pois, passivo, mas de transformação e síntese.

Passamos a definir o pensamento segundo a teoria Vigotskiana. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Assim, o pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala.

Assim, nossos resultados demonstram que a aprendizagem e o desenvolvimento da fala e do pensamento na criança se dão antes da sua inserção na Educação Infantil, dessa forma entendemos que para o desenvolvimento da linguagem o seu pensamento organiza-se, mas não de uma maneira concreta para compreensão do todo de sua realidade, com fundamento em Vigotski (2005, p. 62-63) nos explica:

[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. [...] O crescimento intelectual da criança, depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem.

Por conseguinte, a linguagem é a grande propulsora nesse processo para o desenvolvimento de sua oralidade, entendemos, portanto que o pensamento e a fala passam por mudanças e que a progressão do mesmo está associada a sua inserção sociocultural. Portanto, todo o desenvolvimento intelectual passará para o que Vigotski (1997) atribui de funções psicológicas mentais superiores presentes na teoria histórica cultural que são: raciocínio abstrato, memória ativa, resolução de problemas, percepção, memória, imaginação, atenção, linguagem e pensamento.

Para Vigotski (2005) a linguagem é o próprio meio através do qual a reflexão e a elaboração da experiência ocorrem, é um processo extremamente pessoal e, ao mesmo tempo, um processo profundamente social. Pois há uma relação entre o indivíduo e a sociedade como um processo dialético, pois se busca compreender essa realidade, que passa pela história desse sujeito, para a compreensão do todo e toda essa relação é também mediada pelos signos.

Na concepção de Vigotski, a linguagem, assim como os demais sistemas de signos como a escrita, sistema numérico e etc., como os instrumentos psicológicos, diferenciam-se dos outros instrumentos utilizados pela criança, uma vez que esta (linguagem) se volta diretamente para o psiquismo.

As reações presentes evidenciaram a voz humana como função social da fala, assim a voz é o primeiro estímulo que a criança recebe em contato com sua família, mãe/pai e/ou responsável, principalmente durante seus primeiros meses de vida como as risadas, sons, movimentos e etc. É o que nos explica o autor quando disse: “A essência do fato consiste em que a imaginação é uma atividade extraordinariamente rica em momentos emocionais”. (VIGOTSKI, 2003, p. 124). A ludicidade presente e todas as manifestações de sons que foram mediadas por um livro de pano das sensações proporcionou situações de aprendizagem ao reconhecer os sons dos animais o que nos evidenciou para nós pesquisadores/as processos mnemônicos nesse processo.

Durante os recontos das histórias pelas crianças, evidenciou que o pensamento infantil se apoia antes de tudo na memória. Recorremos a Vigotski (2003) quando afirma que para a criança pequena pensar é recordar e isso é o que determina a estrutura do seu pensamento durante as primeiras etapas de seu desenvolvimento, assim os sistemas simbólicos presentes e que juntamente com a linguagem exerceram um papel de interpretação do mundo real, da mesma maneira a criança em estudo realizou e realiza suas interpretações e se comunica em uma sociedade que fala.

Aprender a falar, portanto, não consiste apenas em memorizar sons e palavras. As palavras têm em parte o mesmo significado para a criança e adulto, especialmente as que se referem a objetos concretos do ambiente habitual da criança.

A aprendizagem e desenvolvimento da fala pelas crianças não se dá de forma desarticulada com a reflexão do seu pensamento, da explicitação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos, mas através dos processos psicológicos internos em suas ações externas.

Vigotski (2005) demonstrou dois fatos importantes em relação à apropriação da fala pelas crianças. A fala da criança é tão importante quanto à ação para atingir um objetivo. Sua fala e ação fazem parte da mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão.

A fala da criança com os adultos torna-se um poderoso fator na aprendizagem e desenvolvimento dos conceitos das palavras durante a infância, o significado das palavras que não são desenvolvidos espontaneamente pela criança, é predeterminado na linguagem dos adultos o que facilita sua interpretação. Assim para Vigotski (2005, p. 151):

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento.

Assim, na medida em que os processos psicológicos superiores da criança se desenvolvem ao longo do seu pensamento infantil, os significados das palavras modificam-se ganhando seu significado por meio da fala dos adultos, assim unem-se a fala e o pensamento.

A fala é o contato primário que a criança estabelece com o outro mediado pela linguagem oral dos adultos não exercendo ainda sua total compreensão, mas consegue identificar pelo som e para aprender algo precisa primeiro ter um ponto de partida. Com fundamento em Vigotski (2006, p. 109): “Tomemos como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.”. Da mesma forma que a criança é sujeito sócio-histórico sua aprendizagem também é histórica e se dá de forma articulada com o ambiente cultural na qual está inserida, no contato com livros, narrativas, música e formas de escrita que vão potencializar nela/a suas aprendizagens e experiências já internalizadas.

E tudo isso se refere a uma pré-história de aprendizagem. Dessa premissa, a aprendizagem e o desenvolvimento defendidos na teoria vigotskiana não deixa dúvidas que “A teoria do âmbito de desenvolvimento potencial origina uma fórmula que contradiz exatamente a orientação tradicional: o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento.” (VIGOTSKI, 2005, p. 114). Assim, a Educação Infantil deve-se adiantar o seu desenvolvimento na realização de atividades com enfoque visando à formação de leitores/as.

Concluimos que o trabalho com a Educação Infantil deve ter como pressuposto propiciar situações de aprendizagem e desenvolvimento para formação deste/a leitor/a na sociedade moderna, no qual o acesso à leitura e a escrita estão tão presentes através

das diferentes mídias como forma de contato com o conhecimento, da mesma forma as crianças no espaço da sala de Educação Infantil deve ter uma educação que leve em consideração seu tempo de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral, pois evidenciamos que ela/e aprendem antes da sua entrada na instituição educativa e o que mais se aproxima do seu mundo real é o contato com as histórias que vão integrar o seu processo de memória, percepção, fala, emoções, pensamento e linguagem oral.

Considerações Finais

Após as reflexões aqui desenvolvidas faz-se necessário retomar questão levantada inicialmente, assim como as respostas a esses questionamentos: Quais as contribuições que prática da leitura de histórias pode oferecer na formação de leitores/as para a aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral das crianças desde a mais tenra idade?

Dessa forma, as contribuições para o processo de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral, estiveram concentradas em elementos mediadores e um desses é a leitura/contação de histórias da literatura infantil, linguagem e o brincar como elementos presentes na segunda parte do estudo de forma conceitual presentes na teoria histórico-cultural. Assim, segundo Vigotski (2006) a criança tem uma pré-história de aprendizagem ela aprende muito antes de sua inserção na Educação Infantil, pois a linguagem está presente desde seu nascimento.

Na terceira parte trazemos para nossa reflexão momentos no qual evidenciamos manifestações da linguagem oral, brincar e as interações estabelecidas entre as mães/pais responsáveis, professores/as e acadêmicos/as.

O ambiente cultural é outro aspecto que levamos em conta durante nossa pesquisa na apropriação da linguagem oral, pois, é neste ambiente sociocultural que despertará um novo processo de aprendizado interno através dos processos interpessoal para o intrapessoal, ou seja, é a internalização dessas experiências que contribuirá significativamente para a formação desse leitor/a, pois a função social da linguagem oral é a comunicação.

Concluimos que, é preciso incentivar nas crianças o desejo por ouvir, aprender histórias e participar delas já que fazem parte de uma sociedade que fala e que exerce a oralidade como forma de expressão de significados. Assim, o contato com as outras linguagens no espaço educativo cria novas percepções de aprendizagem sejam através

da música, dos sons, gestos de imitação, o brincar considerados uma linguagem e uma prática cultural, pois sua aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral não se darão de forma desarticulada desses fatores mencionados.

Referências

- ALVES, Bruna Molisani Ferreira. Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos. **Revista Aleph infâncias**. Ano 5, n. 16, p.1-19 nov. 2011.
- BARBOSA, Ivone Garcia; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. Método dialético: uma construção possível na pesquisa em educação da infância?. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ: ano 4, n. 2, p. 47-57, 2º semestre de 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v. vol. 3. Conhecimento de mundo.
- MATHIAS, Elaine Cristina Bio; PAULA, Sandra Nazareth de. A educação infantil no Brasil: avanços, desafios e políticas públicas. **Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão**, Suzano, v. 1, n. 1, p.13-16, 2009. Anual. Disponível em: <<http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/1/1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- MOURA, Maria Lucia Seidl. O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento. In: YAMAMOTO, Maria Emília; LOPES, Fívia de Araújo. **Dize-me o que falas e te direi o que comes**: aquisição da linguagem e composição da dieta em crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Cap. 6, p. 205-227. (Coleção psicologia e educação).
- MEDEL, Cássia Ravena Mulin de A. **Educação Infantil**: da construção do ambiente às práticas pedagógicas. In: MEDEL, Cássia Ravena Mulin de A. A importância do contato com os livros na Educação Infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MELLO, Suely Amaral. Letramento e alfabetização na educação infantil, ou melhor, formação na atitude leitora e produtora de textos nas crianças pequenas. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado. **Educação infantil e sociedade**. Nova Petrópolis - RS: Nova Harmonia, 2012. Cap. 5, p. 75-87.
- MEYER, Ivanise Corrêa Rezende. **Brincar e viver**: projetos em educação infantil. Ivanise Corrêa Rezende Meyer. 5 ed. – RJ: Wak editora, 2011.
- OLIVEIRA, Martha Kohl de Vygotsky: **aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio histórico / Martha Kohl de Oliveira. São Paulo: Scipione, 1997, (Pensamento e ação no magistério).
- VIGOTSKI, Lev Semenovitch, 1896 -1934. **Pensamento e Linguagem** / L. S. Vigotski. 3 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Psicologia e Pedagogia).
- VIGOTSKI, Lev Semenovich, 1896-1934. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** / Lev Semenovich Vigotski, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev. 10 ed. – São Paulo: Ícone, 2006.
- VIGOTSKI, Lev Semonovich, 1896-1934. **O desenvolvimento psicológico na infância** / L. S. Vigotski – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Psicologia e Pedagogia).
- VIGOTSKI, Lev Semonovich, 1896-1934. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ L. S. Vigotski; organizadores Michael Cole (et al). Tradução José Cipolia Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 6 ed – São Paulo: Martins Fontes, 1998a. – (Psicologia e Pedagogia).
- WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev. 1995.